

XIX encontro nacional
de pesquisa em
ENANCIB ciência da informação

// SUJEITO INFORMACIONAL E AS
PERSPECTIVAS ATUAIS EM CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO. //

22-26
OUTUBRO
2018
LONDRINA/PR



XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018

GT- 10 – Informação e Memória

AMNÉSIA LACUNAR: TRAMA INFORMACIONAL EM *TALVEZ UMA HISTÓRIA DE AMOR*

Vera Dodebei (PPGMS/UNIRIO)

Leila Beatriz Ribeiro (PPGMS/UNIRIO)

Evelyn Goyannes Dill Orrico (PPGMS/UNIRIO)

LACUNAR AMNESIS: INFORMATIONAL TEXTURE IN "MAYBE A LOVE STORY"

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Fruto de nossa pesquisa na disciplina "Informação, memória e documento" organizada com a apresentação de filmes que possam representar o campo conceitual da memória e da informação, esta comunicação discute o impacto que uma situação traumática de esquecimento parcial (amnésia lacunar) provoca na memória, ao mesmo tempo em que é discutida a estratégia de sua recuperação pela construção de uma trama informacional. O objeto empírico da pesquisa é o filme "Talvez uma história de amor", cujo personagem principal esqueceu completamente da mulher que deixa um recado em sua secretária eletrônica, terminando o relacionamento que mantinham. A pesquisa tem por objetivos (a) identificar (análise fílmica) no roteiro do filme a dinâmica memorial entre inovação e tradição; (b) compreender como a trama informacional lida com os pressupostos da memória se constituir por pares - lembrança e esquecimento; e, (c) verificar a adequação dos conceitos de informação propostos por Robert Logan e por Shannon & Weaver aos contextos apresentados na narrativa fílmica. O relato é organizado em três partes (correspondentes aos três objetivos da pesquisa) além da introdução e considerações finais: 1- "Talvez uma história de amor": o filme e o personagem"; 2- Lembranças e esquecimento - a questão da memória', que constrói um diálogo entre Henri Bergson e Israel Rosenfield; e 3- 'Lembranças e esquecimento - a questão da informação', que discute o conceito de informação com aproximações à metáfora latouriana do movimento da informação como veículo. A análise fílmica, como metodologia, explorou os conceitos de metalinguagem, citação (apropriação) como rastros de memórias afetivas tanto em filmes e em músicas quanto em espaços e tempos emblemáticos. Conclui-se que lidar com analógicos pode não ser um retrocesso social, pois, talvez, resistir aos digitais possa indicar em contrapartida um avanço ecológico. Com relação ao esquecimento seletivo ou a amnésia lacunar, no campo da memória,

compreendemos que o 'contexto' é tão fundamental para a existência da criação da lembrança no cérebro, quanto o é para reconhecer a informação como medida de entropia.

Palavras-Chave: Trama informacional; Informação e memória; Lembranças e esquecimento; Análise fílmica; Talvez uma história de amor (filme).

Abstract: As a result of our research "Information, memory and document", organized by films presentation to discuss the conceptual field of memory and information, this paper deals with the impact that a traumatic situation of partial forgetting (lacunar amnesia) causes in memory, at the same time that a retrieval strategy to modify this situation is discussed by the construction of an informational texture. The research empirical object is the movie "Maybe a love story," whose main character completely forgot about the woman leaving a message on his answering machine, ending the relationship they had. The research aims (a) to identify (film analysis) in the film script the memorial dynamics between innovation and tradition; (b) to understand how the informational texture deals with the assumptions that memory consists itself by the pairs - remembering and forgetting; and (c) to verify the adequacy of the information concepts proposed by Robert Logan and Shannon & Weaver to the contexts presented in the film narrative. The discourse is organized in three parts (according to the objectives) besides the introduction and the final considerations: 1- Maybe a love story: the movie and the character; 2 - Remembering and forgetting: a dialog construction between Henri Bergson and Israel Rosenfield; and 3 - Remembering and forgetting: the question of information, discusses the concept of information from the point of view of Robert Logan with approximations to Latour. Film analysis methodology explored the metalanguage, citation (appropriation) concepts as traces of affective memories in films and music as well as in emblematic spaces and times. It is concluded that dealing with analogues may not be a social regression because, perhaps, resisting to digitals may also indicate an ecological advance. Concerning the selective forgetting or lacunar amnesia in the field of memory, we understand that 'context' is as fundamental to understanding the creation of remembrances in the brain as it is to recognize information as a measure of entropy.

Key-words: Informational textures; Information and memory; Remembering and forgetting; Film analysis; Talvez uma história de amor (film).

1 INFORMAÇÃO E CONTEXTO AFETIVO NA CRIAÇÃO DE LEMBRANÇAS (UMA INTRODUÇÃO)

O interesse em discutir as relações entre informação e memória vem já de muitos anos quando resolvemos construir uma disciplina acadêmica (Informação, memória e documento) que aproximasse as ideias de memória e informação tendo o documento (textual, fílmico, fotográfico entre outros) como elemento intermediador e objeto empírico das pesquisas que assim se sucederam, a exemplo de outras comunicações já apresentadas.

Discute-se aqui o impacto que uma situação traumática de esquecimento parcial (amnésia lacunar) provoca na memória, ao mesmo tempo em que é debatida a estratégia de sua recuperação pela construção de uma trama informacional. Tem-se como pressupostos que a memória produz lembranças, mas que pode também ocultá-las por algumas razões. Nossa pesquisa centra-se na observação da trama informacional presente no roteiro e na narrativa apresentada por Rodrigo Bernardo, diretor do filme 'Talvez uma história de amor'

(2017) lançado em 2018, baseado em livro homônimo do francês Martin Page, *Peut-être une histoire d'amour*.

As questões de pesquisa são complexas, por exemplo, o que permite a construção da memória e qual o papel da informação nessa construção?; como o ordenamento das informações contribui para a construção da memória, sobretudo se ela é perdida em função de uma situação traumática?; com que fios é tecida a trama informacional que permite ao protagonista Mateus Solano, no personagem de Virgílio, compreender o esquecimento da namorada Thaila Ayla, no papel de Clara?; seria o esquecimento seletivo ou a amnésia lacunar possível de acontecer a partir do desejo de ocultar um momento conflituoso em face ao 'incômodo' do amor?; o que compreendemos como trama informacional e como ela se constitui entre as redes de interação social analógicas e digitais?

Para responder a essas questões, três objetivos são formulados: a) identificar (análise fílmica) no roteiro do filme a dinâmica memorial entre inovação e tradição; (b) compreender como a trama informacional lida com os pressupostos da memória que se constitui pelos pares - lembrança e esquecimento; e, (c) verificar a adequação dos conceitos de informação propostos por Robert Logan e por Shannon & Weaver aos contextos apresentados na narrativa fílmica. O relato é organizado em três partes (correspondentes aos três objetivos da pesquisa) além da introdução e considerações finais: 'Talvez uma história de amor: o filme e o personagem', que apresenta e discute a narrativa fílmica e o protagonista principal; 'Lembranças e esquecimento - a questão da memória', que constrói um diálogo entre Henri Bergson e Israel Rosenfield; e, 'Lembranças e esquecimento - a questão da informação', que discute os conceitos de informação com aproximações à metáfora latouriana do movimento da informação como veículo. A análise fílmica, como a entendemos metodologicamente, explorou os conceitos de metalinguagem, citação (apropriação) como rastros de memórias afetivas tanto em filmes e em músicas quanto em espaços emblemáticos, por exemplo, no filme analisado, o uso do terraço do Rockefeller Center, em Nova York.

2 TALVEZ UMA HISTÓRIA DE AMOR - O FILME E O PERSONAGEM

O filme é marcado por contrastes e dúvidas que permanecem ao longo da trama na busca por informações a que o protagonista Virgílio (Mateus Solano) se entrega para recompor sua memória afetada por um trauma afetivo. Ao escutar na secretária eletrônica um recado de uma mulher finalizando a relação entre os dois e dizendo que vai embora,

Virgílio leva o equipamento até o consultório de sua psiquiatra e afirma estarrecido para ela que não sabe quem é Clara, a mulher que o deixou. É possível apagar totalmente uma lembrança/história de amor como essa? O que Virgílio busca? Clara? Ele mesmo? Uma explicação para esse apagamento/esquecimento? Que tipo de informação ele procura na sua busca? “Então por que simplesmente você não apaga a mensagem?”, pergunta a psiquiatra (Totia Meireles) para Virgílio? (TALVEZ uma história de amor, 2017).

Negando-se a apagar a mensagem da secretária eletrônica, Virgílio, nessa busca para saber quem é Clara, procura diversos amigos e conhecidos e vai tecendo uma rede de informações, na qual a mulher desconhecida/apagada ocupa um papel central. Otávio (Marco Luque), colega de trabalho, o informa que soube do rompimento pelo *facebook* e avisa ao amigo¹ que Clara apagou os rastros do antigo relacionamento (imagens, textos, etc.) e mudou o seu perfil para solteira: “Sabe como é que é mulher, né? Termina relacionamento, corta o cabelo, deleta *facebook*, compra uma bolsa e a vida continua...” (TALVEZ..., 2018). Carol (Jacqueline Sato) o envia para Melissa (Juliana Didone) que fala de Denise (Flavia Garrafa) que o remete para Fernanda (Nathalia Dill), e esta o informa estar namorando agora o irmão de Clara, João (Paulo Vilhena). Tangenciando a rede, uma personagem, Katy (Bianca Comparato), neta da vizinha de Virgílio (D. Eunice), completa esses elos fortalecidos da trama afetiva que pouco a pouco permitem que Virgílio consiga preencher algumas lacunas de sua memória.

“Talvez uma história de amor” faz referência a outros filmes: “Tarde demais para esquecer” (1957) e “Sintonia de amor” (1993). Esses exemplos de citações e homenagens encontram-se na categoria do ‘filme dentro do filme’ que Journot (2005, p.68; p.147) trata como um elemento de “transtextualidade” desenvolvido por Mikhail Bakhtin e Gérard Genette ou “intertextualidade” (JUHEL, 2011, p.227) mostrando a pluralidade de vozes contidas em uma obra. A estratégia discursiva de se fazer referência a obras/discursos anteriores é uma maneira de viabilizar o estabelecimento da cadeia informacional. O uso de segmentos de obras já conhecidas dos interlocutores é uma forma de não só provocar a empatia com o interlocutor, mas também de encurtar o processo de compreensão por fazer emergir um universo simbólico já conhecido.

¹ Virgílio ignora como a rede funciona, pois sequer tem um computador.

De forma explícita, as imagens de “Sintonia de amor”² – filme que faz uma grande homenagem a “Tarde demais para esquecer” – surgem na tela permitindo que os interlocutores que conhecem a obra artística anterior estabeleçam rapidamente uma relação de sentidos que torna a comunicação não só mais rápida, mas, sobretudo, eficaz. Esse tipo de “citação é sempre uma operação de reestruturação do texto de origem” (JUHEL, 2011, p.80), criando, assim, “uma relação triangular entre o enunciador da citação, o autor (da obra) citado e o leitor-espectador, relação colocada sob o signo do saber e da cultura mais ou menos partilhados e do trabalho crítico [...]” (JUHEL, 2011, p.81). De acordo com Aumont e Marie (2003, p.53), podemos caracterizar essas citações como “claramente designada [s]” já que fazem referências explícitas a duas outras obras cinematográficas.

As homenagens, no entanto, não se esgotam nessas referências. O próprio diretor, Rodrigo Bernardo, em entrevista (GARCIA, 2018) cita outros filmes que o influenciaram (principalmente comédias românticas clássicas) como “Brilho eterno de uma mente sem lembranças” (2004) e cineastas a exemplo de Woody Allen e Was Anderson.

Metalingüístico, o filme, também ‘flerta’ com referências musicais em sua trilha sonora e faz outras ‘homenagens’ ao cinema e ao próprio espectador: o local de encontro de Virgílio e Clara – Top of the Rock - no prédio do Rockefeller Center, em Nova York, poderia ser uma citação ao Empire State, local de encontro icônico de personagens de outras narrativas fílmicas?

Duas músicas de sua trilha sonora nos chamam a atenção: a primeira, Dirty Paws, da banda Of Monsters & Men (2014), também foi uma das trilhas em “A Vida Secreta de Walter Mitty” (2013). Como podemos relacionar Walter Mitty com Virgílio? Ambos, viajando para o exterior, rompendo com posições tradicionais; um em busca de aventuras e o outro abrindo mão de padrões repetitivos de vida e em busca de Clara. O não esquecimento? A tentativa de manutenção de uma história de amor que os outros filmes também trabalham e cujos personagens e tramas são por vezes contrastantes?

A outra música tema: September, de Earth, Wind & Fire (COOPER, 1978) acompanha diversas cenas de lembranças recuperadas por Virgílio na medida em que sua rede informacional vai acrescentando com novos dados sobre Clara: a cena da festa em que se conheceram; a ida a loja de vinhos (filmagem realizada por Clara e copiada em um *pen-drive*,

² Em uma determinada passagem de “Talvez uma história de amor” Virgílio assiste “Sintonia de Amor” em sua televisão analógica com tubo catódico.

como um presente do dia de aniversário de Virgílio); e sua silhueta se desenhando pelo apartamento. Conforme Nazário (1999, p.12, grifo do autor) “Toda imagem, uma vez criada e fixada na memória, torna-se uma peça de museu, buscada e colecionada com avidez por cada cinéfilo, em qualquer lugar do mundo. Esse patrimônio é hoje tão rico que se poderia dizer que todo o cinema ‘moderno’ é feito de metalinguagem”. Dessa forma, ao nos depararmos com as cenas, músicas, imagens etc. nos reportamos junto com outros espectadores a formas de reconhecimento e diálogos com obras anteriores. Por exemplo, os clichês românticos e de aventuras, como mostra a cena de Virgílio correndo contra o tempo no aeroporto, ao som clássico de um tema musical.

As locações do filme, por exemplo, tanto em São Paulo como em Nova York, apresentam tomadas e cenários pouco usuais e trazem, ao mesmo tempo, uma estética *cool* e um reconhecimento de que estamos assistindo a um filme que apresenta uma linguagem universal ou, no mínimo, uma abordagem ‘clássica’ de outras comédias românticas vivenciadas nas grandes metrópoles.

Além das músicas apropriadas de outros filmes mais antigos, o que reforça a ideia de tradição, é interessante focar o personagem Virgílio no contexto de sua vida pessoal e social em meio às coleções de objetos, ações e comportamentos do personagem quanto ao uso de equipamentos *vintage*, à repetição diária da mesma refeição, à decisão de não aceitar uma promoção, porque isso alteraria o valor de sua declaração anual à Receita Federal.

A dificuldade de o personagem Virgílio alterar seus hábitos é apresentada ao espectador em diversas dimensões cotidianas. Os aparelhos de que ele faz uso são muito antigos. Sax (2017), em seu livro “A vingança dos analógicos”, busca entender o porquê da permanência e mesmo do retorno de objetos e práticas analógicas na atualidade. Entre diversas questões que o autor traz decorrentes de suas investigações, uma chama a atenção: o envolvimento dos sentidos físicos:

[...] Cercados pelo digital, nós agora ansiamos por experiências que sejam mais táteis e humanocêntricas. Nós queremos interagir com bens e serviços com todos os nossos sentidos e muitos de nós preferem pagar mais para conseguir isso, mesmo que seja mais incômodo e custoso que seu equivalente digital (SAX, 2017, p.17).

Não optar por um clique, ignorar o que é um *facebook* faz de Virgílio alguém que busca experiências sensitivas mais intensas? Em seu apartamento, descobrimos junto com Clara que os inúmeros pôsteres com temáticas circenses lembram a Virgílio a vida que ele levava com

seus pais artistas de circo. No entanto, nos perguntamos se seus hábitos repetitivos e pouco entrópicos não são uma forma de lidar com a inconstância vivida na infância.

Parece que a relação informação/entropia estaria claramente posta: no regramento e na ordem não há informação, mas o que a memória teria a ver com isso? O regramento e a ordem, no caso de sistemáticos quase neuróticos, acomodariam a memória, impedindo a transformação para o novo, para a criação, no caso, a entrada da informação. É a lacuna da memória o meio catalizador para a chegada do novo.

Seriam essas imagens denotativas de uma personalidade excêntrica ou patológica? O excesso de apego às formalidades repetitivas, traduziriam comportamentos neuróticos de modo geral, funcionariam como mecanismos para aplacar a ansiedade ou teriam a ver com o controle que ele fantasiosamente quisesse ter do mundo? O filme mostra que a perda desse controle é insuportável, daí Virgílio precisar desesperadamente tentar descobrir quem é Clara. De algum modo, essa descoberta provocaria o seu reordenamento, diminuindo a ansiedade ocasionada por sua estratégia de busca por informações. Mais do que querer saber quem é Clara, ele talvez necessitasse compreender a falha (esquecimento) que ocorreu em seu cérebro e que somente seria corrigida por meio do compartilhamento de memórias do grupo de amigos, tal como o discurso de Halbwachs (2004) sobre as funções da memória coletiva.

3 LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS: A QUESTÃO DA MEMÓRIA

“Ninguém perde a memória de uma só pessoa”. Essa problemática, colocada por Virgílio (2018), quando o personagem descobre que apagou de sua memória a existência da namorada que o está abandonando, abre a possibilidade de discutirmos o funcionamento do cérebro ao lidar com dois 'organismos' complexos - a memória e a informação.

Partindo das questões lançadas por Paul Ricœur (2007) em que a fenomenologia da memória estrutura-se em torno de duas perguntas, quais sejam: de **que** há a lembrança? e, de **quem** é a memória?, parece-nos que o esquecimento seletivo ou amnésia lacunar ocorrida com Virgílio poderia ser investigada em primeiro lugar considerando-se os processos de criação e de armazenamento das lembranças conduzidos pelo cérebro.

Henri Bergson (1950, p.79), em *La pensée et le mouvant* (de uma série de conferências proferidas na L'Université d'Oxford em 1911), afirma que “le rôle du cerveau était de choisir à tout moment, parmi les souvenir, ceux qui pouvaient éclairer l'action commencé, d'exclure

les autres”³. Não existe, para Bergson, a função cerebral de arquivo de memórias ou de lugares específicos onde as lembranças se alojariam.

A memória... não é uma faculdade de classificar recordações numa gaveta ou de inscrevê-las num registro. Não há registro, não há gaveta, não há aqui, propriamente falando, sequer uma faculdade, pois uma faculdade se exerce de forma intermitente, quando quer ou quando pode, ao passo que a acumulação do passado sobre o passado prossegue sem trégua. (BERGSON, 2006, p.47).

Não há espaço no cérebro para as informações adquiridas durante todos os dias em uma vida. As lembranças, sim, por serem construídas no momento do desejo de lembrá-las tornam-se efêmeras, exigindo um esforço de memória como ressalta ainda Ricœur sobre a “memória exercitada”. O filósofo, baseado em Bergson (esforço de memória), Freud (trabalho de rememoração) e Merleau-Ponty (eu posso me lembrar) diz que “lembrar-se não é apenas acolher, receber uma imagem do passado, como também buscá-la, fazer alguma coisa, exercitá-la” (RICŒUR, 2007, p.71).

Israel Rosenfield (1994), em sua obra “A invenção da memória”, desenvolve a tese sobre a impossibilidade da permanência de lembranças no cérebro como um arquivo ou uma biblioteca, o que o autor determina - tese contra a localização. Rosenfield, com base nos estudos de Gerald Maurice Edelman, neurobiologista e imunologista nascido em 1929 em Nova Iorque e ganhador do prêmio Nobel em psicologia ou medicina em 1972, afirma que não existem 'caixinhas' onde as lembranças seriam armazenadas (tese da localização), que não há memórias permanentes; o que existe são construções efêmeras de categorias reelaboradas a cada impulso ou desejo de lembrar.

Para que haja a sensação de uma lembrança, parece ser necessário um vínculo emocional (algum tipo de atividade límbica) [...] Na verdade, a atividade límbica talvez seja igualmente importante para se estabelecer uma coerência, uma ordem, entre as lembranças (ROSENFELD, 1994, p.7).

Essa proposta de Rosenfield viria a reforçar nossa concepção a respeito da construção da memória. Esse autor apresenta, então, duas teses que podem responder qual seria a natureza da percepção se as lembranças não forem permanentes. Segundo ele, as respostas podem ser encontradas nas pesquisas neurocientíficas: a primeira refere-se à 'doutrina da localização funcional' (século XIX), das simulações em computador, em que o mundo é

³ “A função do cérebro seria a de escolher a todo o momento, por entre as lembranças, aquelas que pudessem iluminar a ação iniciada, de excluir as demais” (tradução livre).

processado em percepções que são comparadas às imagens previamente armazenadas no cérebro ou informações codificadas na memória dos computadores para que ocorra a aprendizagem; a segunda tese refere-se à afirmação de que a percepção e o reconhecimento são funções cerebrais independentes. Nesse sentido, o “cérebro categoriza os estímulos de acordo com a experiência passada e com as necessidades e desejos pessoais, e essa categorização constitui a base da percepção e do reconhecimento” (ROSENFELD, 1994, p.8). De qualquer modo, para algo vir à tona como novo, é preciso que ele saia do conforto viabilizado pelo conhecido, provocando uma situação de desconforto causado por uma lacuna que se origina tanto da inexistência anterior, quanto da ruptura com o estabelecido.

Na defesa da segunda tese (holista), Rosenfield (1994, p.8) lembra que o mundo está sempre em movimento e muda constantemente, por isso devemos estar preparados para o novo e o inesperado. Segundo o autor, não precisamos de imagens armazenadas, mas de “procedimentos que nos ajudem a manipular e compreender o mundo”. O autor prossegue na defesa da impermanência de memórias localizadas e apresenta diversos casos, principalmente de afásicos, e nessa defesa ele dialoga com neurologistas, psicólogos como Paul Broca, Lichtheim, Déjerine, Giraudeau, Bateman, Freud⁴.

Seu diálogo com Freud, por exemplo, está baseado na afirmação de que as recordações sem afeto não são recordações. Segundo Rosenfield, Freud enfatizou justamente este ponto - embora fosse adepto das 'memórias permanentes' - ao observar que os indivíduos não recordam experiências passadas que tenham sido separadas do seu contexto emocional original e exemplifica esta questão com o sonho. Sonhar significa reunir/interpretar imagens no mais das vezes desarticuladas, pois quando sonhamos estamos sem um contexto para articulá-las. Segundo Rosenfield, Freud afirma que “a experiência fica como que isolada e não se reproduz nos processos comuns do pensamento. O efeito deste isolamento é idêntico ao efeito da repressão e da amnésia”. (ROSENFELD, 1994, p.77)

Para Freud haveria uma 'cena primária' que poderia ser despertada na memória do analisado, assim como em Proust podia-se despertar para o passado através de um portal (memória involuntária) cuja chave de acesso era um objeto contextualizado (chá com *madeleines*). Rosenfield (1994) acredita, assim, que a capacidade do cérebro em generalizar e

⁴ A base biológica dessa abordagem da memória e do funcionamento do cérebro acha-se descrita na teoria do darwinismo neural de Gerald Elman (2018).

categorizar é o que permite a criação de associações que, no contexto do presente, vão gerar condições para a lembrança. Sobre essa questão classificatória que julgávamos estar sendo substituída por redes, tramas, malhas de objetos, num sentido analítico mais horizontal, vemos que as relações de ideias, como ocorre com os afásicos, por exemplo, processa-se realmente por categorias. É comum ao afásico trocar a palavra que nomeia um conceito quando vai falar: no lugar de pai, fala filho, mas dentro de uma mesma categoria; assim como pode o afásico generalizar e falar grupo ou família no lugar de filho, tio, irmão.

Os estudos de Edelman sobre imunologia e evolução (Darwin), segundo Rosenfield (p.185), o levaram a considerar que o “cérebro também poderia funcionar como um sistema seletivo e o que chamamos de aprendizagem é, na verdade, uma forma de seleção”. Sua teoria, segundo Rosenfield, tem por base três afirmações fundamentais:

(1) durante o desenvolvimento do cérebro do embrião forma-se um padrão altamente variável e individual de conexões entre as células cerebrais (neurônios); (2) após o nascimento, um padrão de conexões neurais se fixa em cada indivíduo, mas algumas combinações de padrões são selecionadas em detrimento de outras, em decorrência dos estímulos que o cérebro recebe através dos sentidos; (3) essa seleção ocorre, em particular em grupos de células cerebrais conectadas em camadas ou "mapas", e esses mapas "conversam" constantemente entre si, criando categorias de coisas e acontecimentos. (ROSENFELD, 1994, p.185, grifos do autor).

Ainda em Rosenfield, "demonstrar o funcionamento do cérebro, assim como sua estrutura, vai depender do contexto e da história, e não de funções localizadas e lembranças permanentes" (ROSENFELD, 1994, p.192).

Para nos reaproximarmos de nosso objeto, o esquecimento involuntário de Virgílio sobre um período próximo passado de sua relação afetiva leva em consideração o contexto de sua vida pessoal. Virgílio trabalha em um setor considerado criativo e de inovação. Ele é um desenvolvedor de ideias bem sucedido e respeitado pelos colegas em uma agência de propaganda. No entanto e, paradoxalmente, sua vida pessoal é totalmente voltada ao passado, regrada e metódica. Como pode alguém que vive de sua criatividade ter dificuldade com a mudança, o que implica necessariamente entrar em contato com o novo?

Enquanto não conhecemos o rosto de Clara, a namorada que termina a relação afetiva, nem sua vida pessoal, as cenas longas no apartamento de Virgílio nos convencem de que ele é avesso à atualização das tecnologias de informação e comunicação. A voz de Clara na ‘jurássica’ secretária eletrônica, vinis nas prateleiras, telefone fixo de teclados, rádio-relógio, vitrola, diversos relógios de parede, aparelho de TV com tudo catódico, celular com antena,

entre outros objetos mais analógicos demonstram que Virgílio preza o contexto memorial para pautar sua vida pessoal. E, naturalmente, o quanto isto é prejudicial para recuperar informações relevantes que estariam, por exemplo, nas redes sociais digitais e que o colocariam em contato com seu passado ou, ao menos, com parte dele.

Se o contexto, principalmente o emocional, é fundamental para selecionar ideias e recuperá-las, a permanência ou impermanência das lembranças no cérebro levará Virgílio a compreender esse processo de esquecimento ao ponto de gerar um trauma? Qual seria a função da informação em toda essa construção de uma trama cujo objeto (lembrança) é menos importante que o processo de organizar fragmentos de informação que façam um sentido? É interessante notar que o processo escolhido por Virgílio tenha sido a busca por informações de amigas (ex-namoradas) que poderiam fazê-lo encontrar as lembranças perdidas. Essa busca pelos amigos não seria a criação de uma outra cadeia memo-informacional?⁵

4 LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS: A QUESTÃO DA INFORMAÇÃO

O contexto parece ser a palavra-chave para discutirmos não somente o funcionamento do cérebro em relação à construção de lembranças, como também para pensarmos o processamento da informação recebida pelo cérebro como um veículo que, por introduzir novidades, modifica estruturas arraigadas e aceitas pelo indivíduo. Latour (2000) nos apresenta uma forma de reconstrução informacional que se organiza em duas dimensões: reducionista e expansionista. Por exemplo, ser retirado de seu *locus* vivencial natural como a floresta, a análise de um pássaro por um pesquisador, certamente, será reduzida, já que ele perde importantes dados contextuais. Em contrapartida, esse pássaro, ao ser levado para uma coleção e colocado ao lado de outros pássaros de diferentes espécies, poderá ter a sua análise expandida, tendo em vista as possibilidades de rearranjos conceituais, advindos desse novo contexto. A informação, nesse caso, funciona como veículo, sempre em movimento da periferia ao centro e vice versa. Análise semelhante pode ser feita com a dificuldade do personagem Virgílio. Qual o contexto em que se encontra Virgílio ao sofrer um “ataque” memorial?

⁵ Cf. O tempo na narrativa fílmica: descrição de um processo memo-informacional. RIBEIRO, Leila Beatriz; DODEBEI, Vera; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill (2013).

A descrição de seu comportamento face ao seu cotidiano - trabalho e vida pessoal - pode ser um indicador de que a seleção ou as escolhas que faz é atravessada por um elemento novo - de natureza informacional e afetiva que muda sua estrutura de vida. O romance com Clara funciona como uma informação que desestabiliza seu viver e o assusta de tal forma que, em uma situação limite, quando Clara resolve morar em outro país e ele rejeita o convite para acompanhá-la, a única solução para conter esse desconforto é esquecer não só Clara, mas todo o contexto do relacionamento vivido entre os dois.

Valemo-nos para esta discussão do conceito de informação apresentado por Robert Logan, físico da Universidade de Toronto, com pesquisas voltadas para a teoria da complexidade, teoria da informação, biologia, ciência ambiental, linguística, design industrial e estudos de mídia. Companheiro de escrita de McLuhan e tendo como inspiradores, entre outros, Gregory Bateson, Chomsky, Bernd Frohmann, Catherine Hayles, Thomas Kuhn, Humberto Maturama, McLuhan, Popper, Prigogine, Sapin, Saussure, Schrödinger, Shannon, Von Bertalanffy, Vigotsky e Wiener, Logan se considera um cientista transdisciplinar, o que nos conforta dessa escolha, pois tanto a memória (em seu par lembrança-esquecimento) quanto a informação só podem ser discutidas em campo inter ou transdisciplinar dadas às dimensões em que transitam.

Logan (2012, p.8), em seu livro “O que é informação?”, afirma que “Informação não é um conceito simples e direto, mas uma noção escorregadia, usada em contextos diversos”. Ao assegurar, de início, que o sentido e o significado de informação é contextual, Logan, a exemplo de Frohmann (2018) quando discute que melhor é estudar não o que o documento é, mas o que ele produz ou quais são seus efeitos, formula algumas questões, entre outras: Informação é uma coisa, um processo ou um verbo? Informação, significado, comunicação e organização, qual relação estabelece-se entre eles?; informação é material ou um padrão?; Informação é um fenômeno exclusivamente humano? A pergunta “o que é x?” onde x é informação, linguagem, comunicação, cultura, livro, mente, altruísmo, ciência e vida nos conduz a compreender o fenômeno 'informação' como um agente de mudança de estruturas, novidade e diferença. Informação, para Logan, não é uma invariante, pois depende do quadro de referência ou do contexto no qual é usada.

Em qual contexto estamos tentando compreender um caso de esquecimento parcial ou amnésia lacunar causada por uma mudança brusca de estabilidade emocional de nosso personagem Virgílio no filme “Talvez uma história de amor”? Qual a relação entre memória e

informação nesse contexto singular em que o romance se impõe como uma novidade/diferença inaceitável à estabilidade afetiva de seus atores? Se considerarmos que o novo desestabiliza o emocional e muda estruturas, podemos compreender o trauma, neste caso, como uma interrupção do processo de mudança.

A dimensão contextual nos parece, então, como o ponto de aproximação entre os conceitos de informação e de memória. Assim, para Shannon, a 'teoria matemática da comunicação' e sua conseqüente formulação de uma 'teoria da informação' serviu ao modelo matemático do problema, mas, no entender de Logan (2012, p.24), não considerou a dimensão da representação. Com a cibernética de Wiener, Logan considera que se deu um passo em direção à compreensão de sua função, com ênfase no significado. A informação deve, então, ser conceituada em função de seu contexto: matemático, linguístico, biológico e sua relação com o organismo, e sendo contextual, sua dependência com o significado.

O fio condutor da busca ou tentativa de recuperar memórias perdidas é comum em indivíduos que, por sofrer alguma desestabilidade cerebral (AVC, coma e demais distúrbios) esquecem fatos, pessoas e ações que aconteceram no passado. Não significa dizer, como vimos na discussão sobre a memória, que parte do cérebro (físico) foi destruído. A experiência que temos por casos familiares relatados é de que podemos recompor a memória a partir de histórias contadas. Nesse sentido, o percurso de nosso exemplo, o caso de Virgílio, é o de recompor o que foi esquecido. A questão instigante é o fato de nosso personagem ter encontrado uma rede de informação junto aos amigos de forma tradicional ou analógica e não digital, como seria de se esperar na sociedade contemporânea.

Aos poucos e, a partir dos encontros pessoais com as amigas, Virgílio vai compondo, com novas informações, o contexto no qual sua memória foi danificada, até compreender seu comportamento de anulação do passado. Nessa caminhada de recuperação da informação, sofre a experiência de ver imagens lançadas nas redes digitais sobre Clara, faladas por um amigo. Nesse sentido, por mais que o personagem se abstinhasse de seguir informações postadas na rede digital, elas estavam lá, por conseqüência da distribuição ubíqua que dificulta o apagamento total das informações lançadas na www.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS OU, DE FATO, UMA HISTÓRIA DE AMOR

Affonso Romano de Sant'anna em uma crônica sobre o filme “A Camareira do Titanic” (2001, p.12, grifos do autor) diz que ninguém resiste a uma história de amor.

Ninguém resiste a uma estória de amor, sobretudo bem-contada. As pessoas vão se achegando, ouvindo e, se houver chance, opinando, interagindo. As pessoas querem amar, nem que seja através da fala alheia. Por isso, conversamos nos bares, nas camas, nos portões, nas janelas, ao telefone, nos confessionários ou consultórios psicanalíticos. Por isso, as pessoas lêem romances, contos, poemas, crônicas, reportagens sobre dramas passionais, ligam novelas na televisão, lêem colunas sociais com mexericos e abrem essas revistas que sendo sobre "quem" são também sobre onde, quando e como as figuras do olimpo se amam e se desamam. Estou dizendo essas coisas motivadas por este filme de Bigas Luna "A camareira do Titanic". Ele pertence à safra de diretores espanhóis como Buñuel, Saura e Almodóvar que, brincando com a realidade, fazem surrealisticamente o público viajar. Bigas Luna não inventou a estória. Tirou-a de um romance francês, cujo nome mal consegui ler na tela e nem aparece nos resumos de jornal.

Passados 17 anos da publicação da crônica do escritor e poeta, escolhemos enfrentar outra história de amor, em tempos mais contemporâneos, nas cidades de São Paulo e em Nova York, diferente daquele no início do século XX em uma cidade industrial no interior da França. Nossa história, quer dizer, a história de Virgílio e Clara tem sua trama desenvolvida em torno das afinidades e diferenças que existem com os casais em busca de realizar parcerias, desde que estas não interfiram em seus hábitos de vida. O que aconteceu com o casal que se amava tanto?

Discutimos aqui não a história propriamente dita mas, através de lentes acadêmicas, os efeitos afetivos que o tempo presente nos brinda quando a preocupação com a memória e a informação é, talvez, unanimidade nas sociedades globais. Para responder como é tecida a trama informacional utilizamos o conceito de rede social tradicional, opondo-a à rede social digital. Virgílio parece não pertencer ao mundo digital, pois desloca-se com os pés e não com os dedos. A partir de dicas para encontrar quem poderia ajudá-lo a descobrir Clara, Virgílio tira férias do emprego para poder dedicar-se a encontrar as pessoas que tivessem vivido todo ou parte do tempo de seu relacionamento. Se a busca fosse digital, não haveria necessidade de reduzir seu tempo de trabalho na agência de publicidade pois a investigação não seria a pé. Virgílio constrói uma rede de antigas namoradas que, uma a uma, vai lhe ajudando a avançar na reconstrução de suas lembranças com Clara.

Provavelmente não foi somente 'um' dado que levou Virgílio à trama formatada em rede que permitiu reconstruir suas memórias. As lembranças vêm aos poucos em 'lampejos': imagens enquadradas da festa onde conheceu Clara... Um fecho de luz da lanterna do capacete que espreita seu apartamento e o faz recuperar algumas lembranças.

Ao mesmo tempo, como vimos em David Sax, cercados pelo digital, nós agora ansiamos por experiências que sejam mais táteis e humanocêntricas. Nós queremos interagir com bens e serviços com todos os nossos sentidos (por exemplo, uma das informantes de Virgílio ou "nó" da rede produzia deliciosas bombas (*éclairs*) que Virgílio saboreou ao conversar com ela sobre onde encontrar Clara. Se tínhamos como pressuposto que lidar com analógicos seria um retrocesso, pensamos agora (não só, mas também porque gostamos das bombas) que resistir aos digitais pode ser um avanço ecológico.

Com relação ao esquecimento seletivo ou à amnésia lacunar, no campo da memória, Bergson e Rosenfield nos ajudaram a compreender, como também Logan, que o 'contexto' é tão fundamental para compreender a criação da lembrança no cérebro, quanto o é para reconhecer a informação como medida de entropia. E, finalmente, o uso das técnicas de análise fílmica reforça a ideia de que a linguagem do cinema, ao nos aproximar afetivamente do mundo de imagens reais e ficcionais, nos permite atravessar o tempo em busca de lembranças do passado que passam a fazer parte, ainda que como meros rastros, do presente.

Nesta comunicação demos destaque à discussão da relação entre informação e memória no que tange à sua dimensão reducionista, no contexto utilizado por Latour (2000). Nossa premissa pautou-se na percepção do caminho percorrido por Virgílio, personagem central de "Talvez uma história de amor" (2017), considerando sua busca em direção ao *locus* original simbólico onde sua memória foi perdida. A análise fílmica mostrou que, a partir de um trauma que provocou que ele se esquecesse de Clara, o personagem parte em busca de informações que, por sua vez, vão construindo uma trama informacional na qual será possível a Virgílio reconstruir o contexto que lhe permitirá depreender quem foi Clara em sua vida e por que ela teria rompido o relacionamento.

O filme nos apresenta cenas em que a personalidade de Virgílio se mostra resistente à mudança, na medida em que o personagem é um profissional de *marketing*, extremamente bem sucedido e criativo. Como alguém, que trabalha com criação, poderia ser refratário a mudanças? Não participa de redes sociais, seus eletrônicos são anacrônicos e nem mesmo uma promoção, que implicaria aumento de salário, ele aceita para não alterar os valores de seu imposto de renda!

Desse modo, nossa pressuposição teórica sobre essa situação pautou-se nas propostas de Latour (2000); Logan (2012) e Rosenfield (1994), nas quais ele precisaria reconstruir a situação contextual em que a memória teria sido perdida. Para tal

reconstrução, ele parte em busca de índices informacionais, que lhe permitem construir uma trama informacional capaz de superar o trauma provocado pela perda da mulher amada.

Ilustramos, então, que a memória se constrói, quando perdida em situação traumática, por uma rede de informações que permitem montar o contexto afetivo inicial, originário da perda. Mais ainda, vivenciamos um ‘passado-presente’ que demonstra que a criação se baseia em vivências e práticas ditas ‘analógicas’ que permitem o gozo dos sentidos plenos: Em uma cena icônica do filme, Virgílio tateia vagarosamente suas tomografias cranianas em busca de suas lembranças. Elas chegam e o permitem reencontra-se e ir à busca de “talvez a mulher da sua vida” (TALVEZ uma história de amor, 2017).

REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

BERGSON, Henri. A memória ou os graus coexistentes da duração. In: _____. **Memória e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERGSON, Henri. **La pensée et le Mouvant** [conferências proferidas na L'Université d'Oxford em 1911]. 1950.

BRILHO eterno de uma mente sem lembranças. (Eternal sunshine of the spotless mind)
Direção: Michel Gondry. Produção: Blue Ruin/This is that Productions/Focus
Features/Anonymous Content, EUA: 2004. 1 DVD (108 min). son., color.

COOPER, John Paul. **September**. Interpretação de: Earth, Wind, Fire. [1978]. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=G5069dndIYk>>. Acesso em: 02 jul. 2018.

DIRTY Paws (Official Lyric Video). Of Monsters And Men. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=mCHUw7ACS8o>>. 2014. Acesso em: 22 jul. 2018.

ELMAN, Gerald. **Neural Darwinism: The Theory of Neuronal Group Selection** (Basic Books, New York 1987). Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Gerald_Edelman>. Acesso em: 18 jul. 2018.

GARCIA, Tay. **Nerdbunker**. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=YXFFuBRtn00>>. Acesso em: 02 jul. 2018.

GLEICK, James. **A informação: uma história, uma teoria, uma enxurrada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

JOURNOT, Marie-Thérèse. **Vocabulário de cinema**. Lisboa: Edições 70, 2005.

JUHEL, François (Dir.). **Dicionário de imagem**. Lisboa: Edições 70, 2011.

FROHMANN, Bernd. Revisiting “what is a document?”. **Faculty of Information & Media Studies**, The University of Western Ontario, London, Canada. Disponível em: <http://www.fims.uwo.ca/people/faculty/frohmann/documents/revisiting_jdoc.pdf>. Acesso em: 18 de jul. 2018.

LATOURE, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Orgs.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000. p.21-44.

LOGAN, Robert K. **Que é informação?** A propagação da organização na biosfera, na simbiosfera, na tecnosfera e na econosfera. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2012.

NAZÁRIO, Luiz. Paixão pelo cinema. In: ANDRADE, Ana Lúcia. **O filme dentro do filme: a metalinguagem no cinema**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. p.11-14.

RIBEIRO, Leila Beatriz; DODEBEI, Vera; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. O tempo na narrativa fílmica: descrição de um processo memo-informacional. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., Florianópolis, 2013. **Anais...** Florianópolis: ANCIB, 2013. v. 1. p. 1-19. Disponível em: <<http://enancib.sites.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/viewFile/227/390>>. Acesso em: 16 set. 2018.

RICŒUR, Paul. **Memória, história e esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROSENFELD, Israel. **A invenção da memória: uma nova visão do cérebro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Ninguém resiste a uma estória de amor. **O GLOBO**, Segundo Caderno, 17 de janeiro de 2001. p. 12.

SAX, David. **A vingança dos analógicos: por que os objetos de verdade ainda são importantes**. Rio de Janeiro: Anfitheatro, 2017.

SHANNON, Claude E.; WEAVER, Warren. **Teoria matemática da comunicação**. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1975.

SINTONIA de amor. Direção: Nora Epron. [1993]. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-8649/creditos/>>. Acesso em: 04 jul. 2018.

TALVEZ uma história de amor. **Trailer Oficial**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E16sNQvQhRs>. Acesso em: 02 jul. 2018.

TALVEZ uma história de amor. Direção: Rodrigo Bernardo. BRA: 2017. son., color.

TARDE demais para esquecer (An affair to remmenber). Direção: Leo McCarey. EUA: 1957. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-1615/>. Acesso em: 02 jul. 2018.

VIANA, Thamires. **Cineclick**: tudo sobre cinema. 2018. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=zWtezXXe6ZE>. Acesso em: 22 jul. 2018.

A VIDA secreta de Walter Mitty (*The secret life of Walter Mitty*). Direção: Ben Stiller, EUA: Samuel Goldwyn Films; Red Hour Films; New Line Cinema, 2013. 1 DVD (114min., Contém Extras). son., color.